

## OS MARCADORES CONVERSACIONAIS NA CONSTITUIÇÃO DO TEXTO FALADO

Por  
**Emiliane Gil NUNES<sup>1</sup>**

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (MIKHAIL BAKHTIN)

Neste ensaio, tratamos dos Marcadores Conversacionais, elementos organizadores da oralidade, muito presentes nas interações conversacionais. Temos, por objetivo, definir e caracterizar o que são os marcadores e quais são as funções que eles exercem na distribuição dos turnos de uma conversação. Para tanto, recorreremos aos autores Marcuschi ([1986] 2003), Urbano (1999) e Risso, Silva e Urbano ([2006] 2015). Antes, para que possamos abordar o tema principal desse ensaio, julgamos necessária uma breve conceituação da teoria denominada Análise da Conversação, que abarca a unidade aqui tratada.

A respeito do estudo da conversação, a Análise da Conversação, também conhecida como Análise da Conversação de linha Etnometodológica, é responsável pelos estudos dos mecanismos prototípicos da fala.

Essa linha teórica iniciou-se, na década de 60, na linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva, e preocupou-se, até meados dos anos 70, sobretudo, com a descrição das estruturas da conversação e de seus elementos organizadores (MARCUSCHI, [1986]2003). O suporte filosófico advém de doutrinas fenomenológicas; a constituição de sua metodologia se deve, em boa parte, ao sociólogo H. Garfinkel, criador da Etnometodologia e, posteriormente, a G. Jefferson, H. Sacks e E. Schegloff.

No Brasil, os estudos da Análise da Conversação (doravante AC) tiveram início nos anos 80 com a publicação do livro *Análise da Conversação*, de Luiz Antônio Marcuschi, em

---

<sup>1</sup> Mestranda em Língua Portuguesa/PUC-SP.  
Endereço eletrônico: emilianegnunes@hotmail.com

1986. O interesse do autor por esse estudo se justifica por ser a linguagem falada essencial à comunicação, e que, assim como o texto escrito, também é possível de ser organizada e estudada cientificamente, com estruturas de organização bem demarcadas e gêneros bem distribuídos.

Por outro lado, essa organização e estruturação não deixam de ser reflexo das decisões interpretativas dos interlocutores e decorrem de informações contextuais e semânticas mutuamente construídas entre os participantes da interação comunicativa (MARCUSCHI, [1986]2003). Isto é, sua produção acontece em função do aqui e agora.

A aplicação da teoria da AC torna possível o estudo do fenômeno da oralidade fora dos métodos tradicionalmente usados para a análise da língua escrita. É por meio da AC que fenômenos novos como o turno, as leis da simetria, assimetria, estruturação de tópicos ou temas, procedimentos de reformulação, emprego dos sinais característicos da língua oral, marcadores conversacionais, sobreposição de vozes, fluxo conversacional entre outros, demonstram que a língua falada tem suas próprias regras (PRETI, 1999).

Traçado esse breve percurso acerca da AC, seguimos adiante nos concentrando num desses elementos típicos da fala que são os **marcadores conversacionais** (doravante MCs). Para tal intento, é salutar entendermos, a partir desse ponto, o que são esses elementos tão significativos ao texto falado, baseando-nos em autores como Marcuschi ([1986] 2003), Urbano (1999) e Risso, Silva e Urbano ([2006]2015).

Marcuschi que foi o pioneiro nos estudos da AC no Brasil, em seu livro *Análise da Conversação*, publicado pela primeira vez em 1986, dedica um capítulo aos MCs. No entanto, no capítulo destinado aos marcadores, o autor não chega a conceituá-los de maneira contundente ou sistemática, mas cita que os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas. Já Urbano (1999), assim os define: “Trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão” (URBANO, 1999, p. 81).

As duas definições nos levam a perceber que esses elementos são de extrema importância, exercem multifunções num texto conversacional e são essenciais à sua compreensão.

Algo que nos chama bastante a atenção é a denominação dada pelo mesmo autor, Urbano, num novo artigo escrito juntamente com as autoras Risso e Silva, em que optam por

uma pequena mudança do termo “marcadores conversacionais” para “marcadores discursivos”.

A princípio, um leitor mais descuidado poderá supor se tratarem de fenômenos distintos, mas, decorrida a leitura, entendemos se tratarem dos mesmos elementos em ambas as definições. Vejamos, em seguida, o conceito de marcadores discursivos, a fim de comprovarmos tal afirmação:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se podem atribuir homogeneamente à condição, de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. (RISSO; SILVA; URBANO, [2006]2015 p. 371)

Dessa forma, é possível supor que tal alteração se deu devido à progressão das diversas pesquisas acerca do tema, nos quais os estudos podem evoluir numa ou outra direção, dada a natureza investigativa que as pesquisas científicas possuem. Nesse sentido, os autores salientam que, nos estudos feitos por eles, não se observou uma “preocupação” ou “consenso” quanto à determinação da natureza e propriedades dos marcadores.

Os autores também mencionam que os desencontros na compreensão do “estatuto” dos marcadores costumam, inclusive, esbarrar em sua denominação, acreditam haver uma “pulverização” de rótulos usados pelos linguistas para se referirem a eles, falta-lhes um “assentamento” comum de suas propriedades básicas. (RISSO; SILVA; URBANO, ([2006]2015)). Justificam, então, a nomenclatura diferenciada na obra:

Para efeitos de designação, adotamos aqui a denominação de marcadores discursivos (doravante designados como MDs), que nos parece ser mais adequada e abrangente do que a de marcadores conversacionais. Embora esta outra seja a mais corrente e aceita entre os linguistas brasileiros, reconhecemos nela uma limitação por sugerir, de forma inevitável e inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua falada, e, dentro dessa modalidade, com um gênero específico, que é a conversação. (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 372)

Prosseguindo na reflexão, quanto à função dos marcadores, Urbano (1999, p. 85) menciona que são “elementos, típicos da fala”, de grande frequência, recorrência e significação “discursivo-interacional”. Observamos a palavra “discursivo” que já parece apontar para uma mudança de nomenclatura em obra posterior.

Além disso, fica evidenciado um contraponto em ambas as afirmações, no artigo escrito em 1999, o autor denomina os marcadores como “elementos típicos da fala” atribuindo-lhe exclusividade ao processo de fala; já, no artigo escrito em [2006]2015, o autor “reconhece” uma limitação ao sugerir o compromisso exclusivo dos marcadores com a língua falada.

Urbano (1999) os define como elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional, ainda segue dizendo que os marcadores não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. Nessa perspectiva, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que a produção representa de interacional e pragmático.

Entendemos, assim, que, por “marcarem” alguma função de interação na conversação, recebem o nome de marcadores conversacionais. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, assim como enquanto estrutura de interação interpessoal.

Marcuschi (2003, p. 61) salienta que, quanto às funções, estes sinais servem “de elo de ligação [*sic*] entre unidades comunicativas” e os subdivide em três tipos: verbais (palavras ou expressões); não verbais (olhar, risos, gestos) e suprasegmentais (pausas e prolongamentos), afirmando que

existem relações estruturais e linguísticas entre a organização da conversação em turnos (marcados pela troca de falantes) e a ligação interna em unidades constitutivas de turno. Isto sugere que os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas. (MARCUSCHI, 2003, p. 61)

Já na obra de Risso, Silva e Urbano ([2006]2015), além da nova nomenclatura (marcadores discursivos), os autores dividem-nos em marcadores basicamente sequenciadores (capítulo escrito apenas por Risso) e marcadores basicamente interacionais (capítulo escrito apenas por Urbano). No que se refere aos marcadores basicamente sequenciadores, a autora os denomina como “um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no amarramento textual das porções de informação ao longo do evento comunicativo” (RISSO [2006]2015 p. 391).

Sobre os marcadores basicamente interacionais, Urbano esclarece que o conceito de interação é algo abrangente, não se referindo apenas ao processo de relação interpessoal bem

caracterizado (envolvimento do falante com o ouvinte, ou vice-versa), mas também quando “o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais, envolvendo-se, pois, com o conteúdo, ou compromete, retoricamente, seu interlocutor” (URBANO, [2006]2015, p. 456).

Para a caracterização, é válido apresentar alguns exemplos dessas estruturas organizacionais tão necessárias na realização de um evento comunicacional. Um quadro demonstrativo de alguns marcadores constantes na obra de Marcuschi (1986), o qual serviu de fonte a estudos posteriores e que foi baseado nos estudos de Rehbein (1979), ilustra o que aqui explicitamos:



(MARCUSCHI, 2003, p. 68)

Seguindo com as exemplificações, trazemos alguns marcadores conversacionais elencados por Urbano (1999, p. 100-101):

- (1) marcadores de hesitação: ah, ah, ah ahn, eh eh; alongamentos de vogais; pausas longas;
- (2) marcadores de teste de participação ou busca de apoio: sabe? , né? / não é?, certo? ;
- (3) marcadores de atenuação da atitude do falante: eu acho que, tenho impressão de que;
- (4) marcadores de apoio/ monitoramento do ouvinte: ahn ahn, uhn uhn, sei.

Quanto aos MDs de Riso e Urbano ([2006]2015), destacamos:

MDs basicamente sequenciadores: agora, então, depois, aí, mas, bem, bom, enfim, finalmente, quer dizer, por exemplo, assim, primeiro ponto... segundo...terceiro, tal. Às vezes esses aparecem duplicados: agora então, então aí, depois, mas então, mas aí, etc. (RISSO, 2015[2006], p. 391)

MDs basicamente interacionais

ah,ahn,ahn ahn,hem?uhn,uhn uhn, uhn?;  
certo,certo?,claro,exato;  
e, é claro, é verdade;  
entende?,entendeu?sabe?,tá?,viu?;  
mas;  
não é verdade?,não é?,/num é?,né?;  
olha/olhe,vamos ver,veja,vem cá;  
pois é, sei, sim. (URBANO, 2015[2006], p. 453)

A partir da reflexão e discussão aqui estabelecida, fica claro que os marcadores conversacionais ou discursivos são amplamente estudados por diversos autores e podem variar numa concepção ou outra. No entanto, é comumente reconhecido com funções essenciais no texto falado, propiciando a sustentação, passagem e interação de turnos na conversação.

Ademais, é importante perceber que a reflexão aqui realizada comprova que, independentemente das diversas funções desempenhadas pelos marcadores conversacionais, eles propiciam coesão na organização conversacional, sendo, portanto, um elemento de extrema relevância e essencial ao processo interacional.

## Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 5ª. ed. São Paulo: Ática, [1986] 2003.

PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 4ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 1999.

RISSO, M. S; SILVA, G. M. O; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In JUBRAN, C. S. (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 371-390.

RISSO, M. S. Marcadores Discursivos Basicamente Sequenciadores. In JUBRAN, C. S. (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 391-452.

URBANO, H. Marcadores Discursivos Basicamente Interacionais. In JUBRAN, C. S (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 453-482.